

ESCOLA CONFSSIONAL INSA, SALINAS/MG: MEMÓRIAS DE UM PROCESSO CIVILIZADOR DE MENINAS

ESCUELA CONFESIONAL INSA, SALINAS/MG: MEMORIAS DE UN PROCESO CIVILIZADOR DE NIÑAS

INSA CONFSSIONAL SCHOOL, SALINAS/MG: MEMORIES OF A CIVILIZING PROCESS FOR GIRLS

Lílian Gleisia Alves dos SANTOS¹
Tony HONORATO²
Felipe Eduardo Ferreira MARTA³

RESUMO: A proposição consiste em interpretar as memórias de formação e de relações civilizatórias das meninas estudantes no Instituto “Nossa Senhora Aparecida” (INSA) Salinas-MG (1951-1972). O INSA foi criado em 1951, sua organização contou com a ação das freiras Clarrisas Franciscanas. O estudo está situado nos campos da memória (HALBWACHS, 2006), história oral (PORTELLI, 2016) e das teorias dos processos civilizadores (ELIAS, 1993, 1994). Trata-se de uma abordagem qualitativa em que foram entrevistadas ex-estudantes do Instituto, e as suas evocações nos fizeram compreender que a figuração educacional apresentava características de um processo civilizador de meninas que se constituiu por meio de modelagem de hábitos e comportamentos através de práticas tradicionais e políticas-culturais. Consideramos que as memórias revelam a formação no INSA conectada a um modelo de organização social e civilizatória: as alunas eram educadas para demonstrar sutileza, delicadeza, obediência e disciplina em contextos de desigualdades de gênero e de orientação católica.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Escola confessional. Processo civilizador. Costumes. Mulheres.

RESUMEN: *La propuesta consiste en interpretar las memorias de formación y relaciones civilizatorias de las alumnas del Instituto "Nossa Senhora Aparecida" (INSA) Salinas-MG (1951-1972). El INSA fue creado en 1951, y su organización contó con la acción de las monjas Clarisas Franciscanas. El estudio se sitúa en el ámbito de la memoria (HALBWACHS, 2006), la historia oral (PORTELLI, 2016) y las teorías de los procesos civilizatorios (ELIAS, 1993; 1994). Entrevistadas antiguas alumnas del Instituto, sus evocaciones nos hicieron comprender*

¹ Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Salinas – MG – Brasil. Docente da área de Didática e Fundamentos da Educação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5363-2069>. E-mail: liliangleisiasantos@gmail.com

² Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Professor Associado-B. Doutorado em Educação Escolar (FCLAr/UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3057-1157>. E-mail: tony@uel.br

³ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista – BA – Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física (UESC). Doutorado em História (PUC-SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0501-4298>. E-mail: fefmarta@gmail.com

que la figuración educativa presentaba características de un proceso civilizador de las niñas que se constituía en el modelado de hábitos y comportamientos a través de prácticas tradicionales y político-culturales. Consideramos que las memorias revelan la formación en el INSA conectada a un modelo de organización social y de civilización, los estudiantes fueron educados para demostrar sutileza, delicadeza, obediencia y disciplina en contextos de desigualdades de género y orientación católica.

PALABRAS CLAVE: Memoria. Escuela confesional. Proceso de civilización. Costumbres. Mujeres.

ABSTRACT: The proposition consists of interpreting as memories of formation and civilizing relations of the girls students at the Instituto “Nossa Senhora Aparecida” (INSA) Salinas-MG (1951-1972). The INSA was founded in 1951, and its organization was supported by the Clarissas Franciscanas. The study is situated in the field of memory (HALBWACHS, 2006), oral history (PORTELLI, 2016) and theories of civilizing processes (ELIAS, 1993; 1994). It is a qualitative approach in which former students of the Institute were interviewed, their evocations made us understand that the educational figuration presented characteristics of a civilizing process of girls that was constituted through the modeling of habits and behaviors through traditional and political-cultural practices. We consider that the memories revealed are a model of formation at INSA connected to a social organization, to which they were educated for civilization, and disciplinary in contexts of gender inequality and subtle orientation.

KEYWORDS: Memory. Confessional school. Civilizing process. Customs. Woman.

Introdução

Esta pesquisa, inscrita na área de História da Educação, aborda pressupostos em um contexto específico de grupo de ex-estudantes meninas. A atividade educativa de formação foi promovida por professoras/irmãs pertencentes à igreja católica, fato que trouxe desdobramentos no ensino escolar em Salinas, uma cidade situada no norte de Minas Gerais. O estudo abrangeu o período de 1951 a 1972, isso considerando a criação, a implantação e o funcionamento da primeira escola ginásial e secundária naquele município.

O Instituto “Nossa Senhora Aparecida” (INSA) foi criado em Salinas/MG no ano de 1951, escola confessional dirigida por freiras da Congregação Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento. Tinha como missão o ensino das primeiras letras, ginásial e secundário, este, a princípio, para a formação de normalistas. A formação por essa escola era permeada pela propagação de costumes, valores e princípios educativos civilizatórios, realidade que tomamos como objeto de análise para o descortinamento de tramas sociais, educacionais, culturais e políticas.

Em Salinas, vislumbrando ampliação do ensino por instituição formal, buscou-se na Congregação Franciscana um apoio, visto que esta já era reconhecida pelo trabalho missionário e de dedicação realizado em prol da educação com professoras intelectualmente vistas e respeitadas, as freiras Clarissas Franciscanas. As irmãs eram estimadas por se dedicarem em iniciativas a bens comuns, com ações de lutas e persistência a partir de práticas pedagógicas cultivadas ao ensino pela religiosidade e costumes morais.

Como estratégia metodológica a nossa pesquisa tomou como fonte histórica entrevistas de história oral e de vida de ex-estudantes do INSA, documentos do acervo do instituto, impressos informativos e pedagógicos. As fontes foram analisadas a considerar concepções teóricas específicas do campo dos estudos da memória (HALBWACHS, 2006), da história oral (PORTELLI, 1997, 2016) e da teoria dos processos civilizadores (ELIAS, 1993, 1994). Assim, este artigo se apropriou de memórias de ex-estudantes objetivando interpretar a formação e as relações civilizatórias das meninas formadas pelo INSA Salinas/MG (1951-1972). Os testemunhos orais foram evidências fundamentais para análise das ações civilizatórias no tensionamento entre passado e presente, entre memória e experiência (PORTELLI, 1997, 2016). As entrevistas foram realizadas levando em conta temas que partem da história de vida dos sujeitos. Iniciamos por uma perspectiva cronológica e focamos na formação escolarizadora das meninas no INSA - Salinas.

As narrativas revelaram uma interdependência entre a formação escolar de meninas com os movimentos de controle social produzidos nas figurações em sociedade. Ponderamos a formação educacional das meninas na relação com freiras Clarissas Franciscanas, isso tendo como perspectiva os estudos eliasianos, em específico, quando Norbert Elias (1994) aborda as questões de civilidade no tocante ao comportamento das pessoas vivendo em sociedade, articulando os mecanismos de vergonha e comportamento às mudanças dos processos sociais. Em sua obra "*O processo civilizador*", Elias (1994) faz reflexões sobre postura, gestos, expressões faciais e vestuário, de modo a tratar as manifestações dos indivíduos como um todo, em figurações de instruir o ser humano a isso, tornando-o culto e próximo da excelência social. Isto é, as relações humanas dizem respeito às interdependências estabelecidas entre as pessoas, os grupos de convivência e as instituições, provocando mudanças que envolvem um contexto sócio-histórico.

O conceito de processo civilizador concerne em mudanças nas estruturas psíquicas das pessoas (psicogêneses), em interdependências com as mudanças nas estruturas sociais (sociogêneses). As mudanças nos indivíduos implicam na condução de maior interiorização dos

controles sociais e na distinção dos seus controles emocionais e de suas experiências. Isto significa mudança no modo de como o indivíduo age, sente e se relaciona com os outros no mundo. Trata-se de uma civilização de forma processual produzida socialmente, isso porque, considerando que nenhum ser humano nasce civilizado, o estágio civilizatório ao qual ele é submetido é um exercício social do próprio processo civilizador em curso a longo tempo. Essa ação civilizatória se dá, com maior ou menor rigor, com atitudes modeladoras de indivíduos civilizados para viverem as normas padronizadas em sociedade. É um processo que deve prosseguir, adotar posturas de ideias, padrão de virtudes, da moral e de costumes produzidos em sociedade (ELIAS, 1994) – papel assumido também por instituições, dentre elas, a escola.

Para Honorato (2017, p. 114),

Embora as instituições escolares não compusessem as preocupações centrais da Teoria dos Processos Civilizadores, em sua obra-prima, *O processo civilizador*, Norbert Elias (1993; 1994), ao elaborar os estágios de desenvolvimento de uma civilização, nos permite sistematizar: 1) os processos educativos, institucionalizados ou não, têm centralidade em qualquer civilização, isso porque há uma constante que é a aprendizagem de comportamentos, tanto no plano individual quanto no social, transmitida de uma geração para outra, podendo se transformar em um *habitus* (segunda natureza); 2) a formulação e incorporação dos valores educativos como *habitus* implicam efetivas mudanças de conduta e sentimentos rumo a uma direção específica, maior controle social e autocontrole das emoções dos indivíduos; 3) o (auto)controle das emoções, bem como, dos saberes populares e científicos, fomenta um crescente processo de individualização no social, e esse processo passou a ser cada vez mais potencializado e assegurado por grupos e instituições específicas, no caso, a escolar; 4) a escolarização dos indivíduos tornou-se então obrigatória, e, assim, na estruturação da modernidade, a regulação dos saberes elementares fora monopolizada pelo Estado-nação como um dos fundamentos de sua existência, assim como aconteceu com o controle legítimo do uso da força física e da arrecadação tributária.

Desse modo, para análise, unimos conceitos eliasianos e a pesquisa empírica, tendo como referência as vivências de ex-alunas de uma escola confessional criada na década de 1950 no norte de Minas Gerais, o Instituto “Nossa Senhora Aparecida” (INSA) de Salinas. A pesquisa se procedeu com os estudos da memória, de maneira a interpretar as lembranças evocadas sobre a formação de estudantes desta instituição, por meio da entrevista de história oral e de vida de cinco mulheres⁴, nascidas entre 1940 e 1955. Elas trazem suas recordações, relativamente à

⁴ Luana, 81 anos, estudou no INSA de 1952 a 1958, entrevistada em 22/08/2019; Maria, 77 anos, estudou no INSA de 1954 a 1963, entrevistada em 26/01/2021; Simone, 72 anos, estudou no INSA de 1957 a 1967, entrevistada em 08/02/2020; Francisca, 71 anos, estudou no INSA de 1962 a 1969, entrevistada em 16/12/2020; Eva, 66 anos, estudou no INSA de 1961 a 1972, entrevistada em 21/01/2021. As entrevistas ocorreram nas residências das ex-alunas na cidade de Salinas/MG. Os nomes apresentados aqui são fictícios, objetivando resguardar o anonimato. A pesquisa foi realizada sob aprovação número 44678621.3.0000.0055 do Certificado de Apreciação Ética - RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 2898-2917, out./dez. 2022. e-ISSN: 1982-5587 DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i4.16779> 2901

formação recebida no INSA, no que se refere a hábitos, comportamentos e valores morais. Essas mulheres estudaram na instituição entre 1952 e 1972, e trazem lembranças de vivências escolares coletivas e individuais. Uma delas estudou em regime de internato, as demais em regime de externato. Assim, para melhor compreensão, traçaremos um histórico de memórias do INSA.

Memórias de uma escola confessional, o Instituto “Nossa Senhora Aparecida”

Já dizia Halbwachs (2006), o ser humano traz com ele ideias e sentimentos originados em grupos, que povoam em pensamentos com outros seres, como lugares e circunstâncias. É preciso que haja muitos pontos de contato entre as memórias individuais para que as memórias coletivas venham ser recuperadas sobre um eixo comum. Por sua vez, Elias (1993) afirma que a educação, os processos civilizadores e formativos, se constituem nas relações da vida praticada em figurações humanas, tais como grupos sociais.

Em 1951, o Instituto “Nossa Senhora Aparecida” (INSA) iniciou suas atividades em Salinas/MG com o *status* de Colégio das Freiras, tal como suas congêneres do interior e da capital Belo Horizonte, do estado de Minas Gerais⁵. O Instituto vislumbrava atender à necessidade de escolarização naquele momento e território, tendo a educação como parte de um processo modernizador e civilizatório das pessoas por meio da escolarização.

O colégio foi regido pela Congregação Franciscana, especificamente por freiras ligadas à ordem. As fundadoras foram quatro irmãs, Narcisa Chamone – superiora, Maria Elias Chamone – secretária/diretora, Maria Piedade Guimarães – ecônoma, e Elizabeth Freitas – professora. Elas tinham dentre as suas proposições lutar para melhorar o nível de vida da população em suas deficiências, e o caminho escolhido foi a educação escolar. O propósito primordial era promover a educação feminina, com finalidade primeira a educação da juventude

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Jequié. O convite foi feito pessoalmente a cada entrevistada, quando explicamos os objetivos do estudo. Apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado antes do início de cada entrevista.

⁵ O Instituto teve início em maio de 1898, em Forlì na Itália, funcionou durante algum tempo também na cidade italiana Abadia de Bertinoro. Em 1907, quatro irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento saíram da Itália, dando início à missão em terras brasileiras. Em 03 de julho daquele ano chegaram em Itambacuri/MG, onde foi instalado o primeiro instituto. Com a chegada das primeiras missionárias a Itambacuri, iniciou-se a história da congregação no Brasil. As raízes lançadas em 1907 se expandiram pelo estado de Minas Gerais: a diocese de Diamantina foi determinante para essa expansão. A partir de então, as Clarissas Franciscanas se espalharam por pequenas localidades mineiras, onde foram levar a instrução: em Curvelo, Sete Lagoas, Governador Valadares, Corinto, Guanhães, Caetanópolis, Conceição do Mato Dentro e Teófilo Otoni; instalou-se também uma unidade na capital do estado, Belo Horizonte; e, por fim, ampliou-se instalando alguns institutos nos estados de São Paulo e Brasília (RODRIGUES, 2003).

mais necessitada. Para tanto, o regime de gratuidade do ensino à classe desfavorecida só era possível com a ajuda dos mais favorecidos, aqueles que tinham condições de pagar a escola.

Naquele período, no contexto brasileiro, as ideias liberais estavam tomando espaço e se propagando – de tal modo, seria necessária uma renovação na igreja católica. “Assim a Igreja pretendia também retardar o avanço das ideias não-cristãs, anticlericais que se espalhavam por todo o país. Grande contingente de religiosos e religiosas se lançou na batalha visando recristianizar as massas” (RODRIGUES, 1986, p. 52). O colégio católico de Salinas era então o meio de atuação para defender a doutrina e propagar os costumes e valores cristãos. Tinha como aspirações as “filhas do povo”, a juventude mais desprovida, sequencialmente, toda a sociedade. Porém, por falta de recursos financeiros próprios e investimento público, o atendimento se deu de modo reverso.

O INSA atendia a meninas em três formatos: internato, externato (nas modalidades de pagantes e bolsistas) e orfanato (atendimento às meninas órfãs carentes) com ensino gratuito. As orientações ideológicas da Congregação Franciscana nos colégios eram voltadas para uma “[...] sólida formação cristã, hábitos de piedade, exemplos de oração e de vida, segundo os ensinamentos do evangelho, ao lado, naturalmente, da instrução intelectual” (RODRIGUES, 1986, p. 53).

Cada período da história tem suas exigências civilizatórias construídas socialmente (ELIAS, 1994). Na década de 1950, as religiosas e docentes do INSA assumiram todas as disciplinas curriculares, até porque entendiam que na localidade havia leigos despreparados para assumir as aulas. E mesmo que houvesse pessoal capacitado academicamente, não era do interesse da igreja católica contratá-los por motivos como: os salários que sobrecarregariam as finanças da escola, a escola que precisava antes se estabelecer para depois contratar e, nem sempre, esses possíveis professores a contratar serem católicos praticantes. Assim, as freiras assumiram todas as cadeiras (RODRIGUES, 1986). Empenhavam-se nesse trabalho educacional impondo espírito de obediência, disciplina, respeito e cumprimento aos costumes, valores e condutas morais. Por este âmagô, a escola era compreendida como centro regenerador dos valores da civilidade em sociedade.

Conforme Freitas (1994), na década de 1950, a educação foi marcada por um processo de ideologização de práticas políticas, culturais e educacionais. Estava em curso uma reorganização do modo de produção capitalista, e a escola se constituiu em instrumento de controle social, de desenvolvimento econômico e de manutenção de uma determinada fração da sociedade. Assim, era preciso treinar os educandos para certas ocupações, a educação de

uma elite para os moldes de uma educação com ascensão social que compreendia a escola primária, vocacional e secundária. Essas características se assemelham muito com o contexto educacional do INSA no mesmo espaço de tempo.

O INSA foi um colégio criado pela igreja católica a partir da solicitação de políticos, comerciantes e homens de posses residentes em Salinas/MG, com apoio da comunidade. Havia anseios políticos e desenvolvimentistas, contudo, era preciso manter uma organização e um controle que não colocassem em risco os valores, costumes e preceitos morais desejados pelos grupos mais favorecidos. Para atender a essas aspirações, a escola tinha que ser criada num discurso de que seria um lugar relacional para todos. Nesse sentido, foi bem alinhada a parceria realizada com a Congregação Franciscana, que tinha como preceitos o atendimento àqueles que se encontravam em maior desvantagem social, cultural e econômica.

O INSA foi criado como instituição privada, as meninas a serem matriculadas teriam que pagar por esses serviços. Conforme publicado no Extrato dos Estatutos do Instituto “Nossa Senhora Aparecida” de Salinas, no Jornal Minas Gerais, em 04 de outubro de 1951:

Art. III – O estabelecimento, que se constituirá personalidade jurídica, é particular, católico, funciona em prédio próprio, sendo dirigido pela mesma Congregação das Clarissas Franciscanas do SSmo. Sacramento, a qual, no Brasil, tem sua sede principal na cidade de Belo Horizonte (INSA, 1951b, p. 4).

Havia uma tabela de preços a serem cobrados pelos estudos das matriculadas. Os valores eram adequados conforme situação da aluna (interna ou externa). Até então, os recursos cobrados eram exclusivamente para manutenção do colégio, pois as religiosas não recebiam salários.

GINÁSIO NOSSA SENHORA APARECIDA
SALINAS – MINAS GERAIS

TABELA DE ANUIDADES

INTERNATO

1^a, 2^a, 3^a, 4^a séries Cr\$20.000,00

EXTERNATO

1^a, 2^a, 3^a, 4^a séries Cr\$6.000,00

Irmã Maria Elias do Coração de Jesus, diretora. Izidoro Bretas, Inspetor (INSA, 1959).

Em contrapartida, a escola recebia algumas moças carentes que ganhavam o ensino por meio do orfanato e outras em regime de internato. Em troca, essas alunas não pagantes ajudavam em tarefas domésticas, manutenção e serviços gerais do colégio.

Essas evidências se revelam nas memórias de Francisca (2020):

O Colégio era pago e eu não tinha condições de pagar. Então, procurei meu padrinho de batismo, ele que pagou a admissão⁶ para mim. E quando fui fazer a matrícula para o ginásio eu não tinha condições de fazer também [...] queria estudar e não tinha condições. Eu era criança ainda, com 11 anos procurei as irmãs. A irmã que me atendeu era a secretária da escola na época, irmã Benigna, já faleceu. Ela era minha professora de História no curso para admissão, e quando eu a procurei, ela falou: “Não, não vou deixar você sem estudar”! Porque eu era muito estudiosa [afirma com ênfase]. “Você vai fazer a matrícula, quando você puder, você me paga” (risos). Eu falei: “Tá bom. Não sei quando vou poder pagar a senhora, porque minha mãe trabalha para o sustento da casa... e sou de família muito humilde”. Ai ela disse: “Não tem problema, estou dizendo que é quando você puder”.

O relato mostra a ânsia de Francisca (2020) por educação, ela tinha consciência da sua real situação e das condições econômicas de sua família. Ainda assim, tinha conhecimento de que, para conseguir alcançar seus sonhos e ter uma vida diferente, promissora, o caminho seria pela educação, estudar e se formar como professora. Percebemos aqui um processo de formação que operava em nossa sociedade e que provocava no ser humano uma inquietação social, um sentimento de desejo em pertencer a esse mundo em construção. A estrutura da sociedade salinense estava em transformação com a chegada do INSA, deste modo, reconhecemos que “essas formas de emoções são manifestações da natureza humana em condições sociais específicas e reagem, por sua vez, sobre o processo sócio-histórico como um de seus elementos” (ELIAS, 1993, p. 152).

Não se pode negar que as Irmãs Clarissas Franciscanas buscavam ajudar algumas alunas, no entanto, sabemos que poucas tiveram esse auxílio. Para ampliar esse atendimento, era preciso ter um número maior de alunas pagantes, mais freiras para lecionar, maior ajuda da sociedade para a compra de material didático, dentre outras necessidades.

O Jornal Minas Gerais, na mesma publicação citada anteriormente, divulga o ato de regularização do funcionamento do INSA em Salinas/MG. Para mais, manifesta o perfil das estudantes a serem formadas pela escola, e nele resume o modelo de mulher ideal para aquela sociedade. Dessa maneira, torna público no seu artigo II que a formação se daria de forma integral, levando em conta as questões físicas, intelectual, moral e devotamento à igreja, família, sociedade e à Pátria.

⁶ Exame de Admissão – funcionava como uma prova de seleção, instituído por meio da Reforma Francisco Campos, em 1931. Teve vigência até 1971, era obrigatório se submeter a ele para ter acesso às escolas públicas, o que dificultava o acesso ao ensino ginásial e secundário.

EXTRATO DOS ESTATUTOS DO INSTITUTO NOSSA SENHORA APARECIDA DE SALINAS (INSA, 1951b)

Art. I – O Instituto Nossa Senhora Aparecida, fundado na cidade de Salinas, Minas, pela Congregação das Clarissas Missionárias do Santíssimo Sacramento, no dia 1º de março de 1951, para funcionar por tempo indeterminado, terá o nome supracitado e constará de curso infantil, curso primário, curso ginásial, Orfanato e Escola Doméstica.

Art. II – O Instituto tem por fim dar à juventude feminina uma educação integral: física, intelectual, moral, cívica, artística e religiosa, a fim de que suas alunas se tornem aptas a cumprir fielmente, com devotamento os seus deveres para com Deus, a família, a sociedade e a Pátria.

Art. III – O estabelecimento, que constituirá personalidade jurídica, é particular, católico, funciona em prédio próprio, sendo dirigido pela mesma Congregação das Clarissas Franciscanas do SSm. Sacramento, a qual, no Brasil, tem sua sede principal na cidade de Belo Horizonte.

Art. IV – (Ilegível)

§1.º - Os membros da diretoria serão determinados pela Madre Geral ou sua representante, de acordo com seu conselho.

§2.º - Compete à diretora representar o Instituto em juízo e fora dele.

Art. IX – No caso de extinção desta obra, seu patrimônio e seus bens se reverterão em benefício da Paróquia de Santo Antônio, de Salinas.

Montes Claros, 18 de setembro de 1951. – (a.) Antônio, Bispo de Montes Claros.

(B. 3.644 – T. 5734)

(INSA, 1951b, p. 4).

O conteúdo publicado no Extrato dos Estatutos do INSA (1951b) destaca que a formação das estudantes na instituição seria comedida por uma forte educação católica. A formação se destinava à preparação das moças para a devoção religiosa, para serem jovens virtuosas na sociedade e no lar, de modo a demonstrar exemplo no respeito e disseminação dos bons costumes. Esses elementos se aproximam aos estudos de Elias (1994), quando diz que as mudanças na personalidade influenciam o contexto social no decorrer dos anos: há diferenciações e modificações nos costumes humanos conforme a formação social do momento.

Nas recordações de Francisca (2020), essas questões são evidenciadas:

É porque nós aprendemos mesmo [ênfase], a gente rezava! Eu, como interna do colégio... Nós levantávamos cedo, elas [as freiras] levantavam cinco horas da manhã para rezarem a ladainha, depois da ladainha nós [alunas internas] já tínhamos acordado, íamos primeiro assistir à missa, depois da missa íamos para o café. E depois do café íamos para a sala de aula. Então... Nós rezávamos o terço todos os dias, de manhã e à noite. Era oração mesmo, além dos retiros espirituais que a gente fazia. Foi uma educação religiosa muito forte que tivemos.

A formação das meninas era pautada numa posição conscientemente católica, existia um padrão de sociedade religiosa que desejava assegurar e expandir seus fiéis. Além disso, à

luz dos estudos eliasianos, apontam-se críticas sobre as crianças terem que aprender como se fossem pequenos adultos, pois eram vistas como atores que dariam continuidade a costumes, tradições, valores e condutas morais sociais da sua geração (ELIAS, 2001, 2012).

A escolarização no INSA: formação e civilização das meninas

As ex-estudantes do INSA tiveram trajetórias de vidas individuais e coletivas; no processo formativo, alguns elementos são marcantes nas vivências da rotina escolar, particularidades demandadas pelas características das relações construídas histórica e socialmente no contexto da Pedagogia Moderna⁷ e da Escola Doméstica. Entre elas, pontuamos as questões de gênero, classe e relações de poder que, de acordo com os estudos eliasianos, tratam-se de interdependências do processo civilizador dos indivíduos em sociedade. O panorama sócio-histórico apresentado neste estudo nos conduziu a pensar sobre como se deram as relações educativas e interativas nos grupos de convivência, com destaque na história de vida escolar, ensino e aprendizagem das mulheres no INSA.

O enfoque está na formação escolar recebida por meninas que tiveram como professoras as freiras Clarissas Franciscanas do Santíssimo Sacramento. Todas elas cursaram o ginásio e o curso normal no INSA no período entre 1952 e 1972. Em vista disso, o que nos interessa aqui são as memórias dessas mulheres no seu processo de formação escolar na instituição supracitada. Optamos por destacar os processos civilizadores a partir das relações marcadas para a feminização, comportamentos, costumes e valores morais praticados no ensino pelas freiras numa perspectiva de escola doméstica. Dessa maneira, selecionamos alguns pontos dessa relação interdependente da formação das meninas presentes na educação doméstica para a instrução de comportamentos moldados, intuindo a inclusão delas na vida em sociedade.

As irmãs fundadoras do INSA trouxeram vivências de suas formações e experiências obtidas pelos trabalhos realizados em outros institutos católicos, colégios ligados à Congregação Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento, para implementá-las em Salinas/MG. Cresceu o Colégio das Freiras em fama e em número de alunas. Os pais almejavam que suas filhas tivessem educação primorosa, cristã e sólida formação profissional. Assim, “o rigor do regulamento elaborado pela Diretora não assustava, pois, sua pessoa exercia forte atração sobre pais, professores e educandas. Percebiam que a sua

⁷ João Amós Comenius é o precursor da Pedagogia Moderna. Ele defendeu uma educação que interpretasse e alargasse a experiência de cada dia e utilizasse os meios clássicos como o ensino da religião e da ética. O currículo deveria ser enriquecido com a inclusão de música, economia, política, história e ciência. Fortalece a concepção de que o homem é capaz de aprender e pode ser educado (COMENIUS, 2011).

severidade se unia a um coração bom, firme, afetuoso, realmente dedicado à formação de suas alunas” (RODRIGUES, 1986, p. 56). O regulamento do colégio trazia os seguintes deveres a serem cumpridos:

Art. VI – Das autoridades

§ 1º - Sendo o respeito à autoridade condição indispensável à formação do caráter, exige-se de todas as alunas o respeito às autoridades constituídas, tanto eclesiásticas como civis.

§ 2º - O papel da autoridade não é tolher a liberdade; é orientá-la para o bem, corrigindo os abusos da mesma. Por isto, as alunas terão em seus mestres e Superiores na conta de Amigos e lhes prestarão obediência pronta, evitando o espírito de murmuração e revolta.

Art. VIII – Haverá anualmente um retiro espiritual para todas as alunas (INSA, 1951a, p. 19).

Havia um poder relacional na organização da vida social e na manutenção da igreja católica objetivada no INSA. A educação das meninas devia se pautar nas relações de poder com as autoridades, consideradas pessoas de maiores gradientes de poder. As autoridades não deviam ser questionadas, todo o ensinamento tinha que ser aceito como conhecimento e mecanismo de controle a ser interiorizado, contendo as pulsões mais íntimas. Cabia às alunas cumprir os ordenamentos e, assim, a escola tinha um caráter regulador e severo das condutas. Horários escolares eram determinados e deveriam ser respeitados rigorosamente, era um processo de regulação na vida não só escolar das meninas, mas também em sua vida social.

Conforme Elias (1993), as crianças são colocadas em processo de civilização a partir de comportamentos produzidos por grupos sociais. No que diz respeito à formação das meninas pelo INSA, notamos um empenho para que os hábitos mais rudes, os costumes mais soltos e desinibidos fossem suavizados, polidos e civilizados. A educação das meninas permeava o campo das atividades domésticas, em que as mulheres eram colocadas na posição de quem nascem para ser donas de casa, esposas e mães. Também lhes foram atribuídos comportamentos para servir a fé católica e polidez nos hábitos sociais. Esses fatores aparecem nas evocações de Luana (2019) quando recorda seus tempos de estudante no Instituto:

Nossa Senhora! Ninguém desrespeitava. As irmãs eram assim... [pausa]. Você precisava ver como eram firmes. Não só se preocupavam com a cultura e a disciplina, como com a religiosidade também, a educação religiosa. Se tivesse qualquer problema, chamavam os pais.

Nas relações de poder com as autoridades, as meninas estavam com menores gradientes de poder, por isso, deveriam seguir os ordenamentos hierárquicos. Elas, enquanto mulheres, eram postas numa condição de invisibilidade e de subordinação social à fé, cabendo expressar

afetividade e fragilidade. De outro modo, de forma velada, obtiveram uma formação para um papel de invisibilidade e devoção. As configurações dessa formação presumem evitar qualquer tipo de conflito, buscam um equilíbrio de soberania.

Entendemos o INSA enquanto perspectiva de demarcação de poder civilizatório, um movimento que objetiva controlar as condutas das estudantes pelo processo de interdependência marcada pelas relações humanas no contexto do estabelecimento de ensino. Nessa perspectiva, trazemos para análise as seguintes memórias:

As irmãs eram exigentes, severas em exagero! Hoje jamais seria aceito as coisas que elas impunham. Por exemplo, elas não aceitavam ninguém de esmaltes na escola. Um dia eu fui de esmalte, eu criança, e elas raspavam com gilete a minha unha para tirar o esmalte porque não podia ir pra escola de esmalte. Ninguém podia ir pra escola de esmaltes, se fosse, raspavam com gilete. Então, a gente já sabia que não poderia ir de esmaltes e ninguém atrevia se esmaltar mais. A rotina da escola era essa: fazia uma fila no pátio, onde ficava uma freira para administrar a entrada e verificar se os uniformes estavam adequados. Fazíamos as filas, tinham que ser certinhas e tal. Na segunda-feira, cantávamos o Hino Nacional e o Hino à Salinas (SIMONE, 2020).

Observam-se comportamentos de civilidade ligados diretamente às condutas religiosas, tais como a obediência, a disciplina e os preceitos de que a mulher não poderia se expressar pelo corpo. A formação recebida defendia a ideia de que as moças de família deveriam adotar um comportamento exemplar, de modo a conservarem sua inocência, edificando os bons costumes e a moral. Diante disso, “conforme sejam bons ou maus os hábitos adquiridos, ter-se-á alcançado educação proveitosa ou prejudicial” (BACKHEUSER, 1958, p. 37).

Simone (2020) traz recordações de que a mulher deveria adotar uma postura recatada, não lhe era permitido anunciar alegria e encanto a partir do seu corpo. Isso seria aprovar uma espécie de aparecimento tipicamente feminino da pobreza e miséria social, encarada como um perigo aos bons costumes e valores morais. Seria o mesmo que abrir as portas para comportamentos que poderiam desviar as meninas para uma vida dissoluta e escandalosa. Compreendemos essas condutas a partir do contexto histórico daquela época, uma vez que era uma forma de praticar a civilidade religiosa defendida pelas irmãs. O processo formativo das meninas operava para não permitir alterações na relação de poder, evitando atitudes conflituosas com a visão de mulheres civilizadas segundo os ordenamentos das irmãs católicas do INSA.

Somos ensinados a todo momento a respeitar e utilizar regras socialmente aceitas, tais como modos corretos de sentar ou cumprimentar alguém. São atitudes e movimentos que nos

soam estranhos no século XXI, entretanto, que foram materializados num determinado período e contexto. Por sua vez, Eva (2021) traz em suas lembranças:

A gente nunca ficava de horário vago como existe hoje, quando faltava uma professora, uma das freiras ia para sala de aula e nos ensinava coisas do dia a dia. Toda vez que eu vou ao banheiro fazer xixi eu me lembro delas [sorri], porque elas falavam assim: “não pode deixar fazer barulho ao fazer xixi”! [Risos] “Para subir escada com um rapaz, você sobe na frente e desce na frente”. Mas, assim... [pausa] Aquelas coisas que elas iam ensinando para a gente..., falando... Foi um tempo maravilhoso.

Registram-se materializações de ensinamentos de uma estrutura comportamental e emocional específica para a mulher. Considerando as reflexões de Elias (1994), inferimos que, na suposta boa sociedade, há um delineamento de mulher a ser aceita por ela mesma. Não obstante, Eva (2021) considerou aquele tempo como “*maravilhoso*”. A formação atribuía importância excessiva ao comportamento da mulher nos recintos privados, em que cabia a ela demonstrar contenção em suas necessidades fisiológicas e condutas sociais. A recordação de Eva (2021) apresentou uma demarcação de desigualdade no processo formativo das meninas, fica evidente uma questão de gênero, de diferenciação nas ações entre os sexos feminino e masculino.

As freiras conduziam uma formação de modo a civilizar as meninas, orientando a regulação de algumas condutas pessoais e costumes morais. A mulher fazer barulho no ato do urinar a colocava numa condição indelicada e de exposição vergonhosa como dor social. Assim, a boa conduta orientava que era preciso evitar o barulho no ato do urinar, isto deveria ser feito educadamente e sem chamar atenção, um hábito a ser desenvolvido na corporeidade civilizada.

A mulher precisava ser refinada, educada, falar baixo e demonstrar bons modos. Caso contrário, era considerada pessoa desprovida de bons modos, cultura, instrução. Além disso, poderia ser considerada como uma pessoa que desejava atrair atenção para seu corpo ou até mesmo disputar espaço ocupado pelo sexo masculino. Caminhar à frente do homem era uma forma de demonstrar que a mulher deveria ser protegida por ele e que estava na condição de sexo frágil, demarcando a virilidade do sexo masculino. Uma demarcação sexista que colocava a mulher na condição de uma relação de posse, e assim, não poderia ser cortejada, admirada ou desejada por outro rapaz. As recordações de Francisca (2020) também expressam esses comportamentos:

Elas [as freiras] tinham para conosco uma formação moral e religiosa muito rigorosa, comportamento de sentar, aquelas gargalhadas que algumas meninas ficavam dando, aquelas gargalhadas fortes demais, elas falavam que

era escândalo. A gente tinha que ser mais comedida com as palavras, com as atitudes, é nesse ponto moral que falo. [...] A cobrança que havia era de zelo. Para namorar mesmo, elas falavam pra não ficar passando de mão em mão, namorar um hoje, outro amanhã... Elas ensinavam que isso não era adequado.

Para Bassanezi (2002, p. 610), as mulheres nos anos dourados eram “Vistas por vezes como ingênuas ou perigosamente inconsequentes e deslumbradas, era grande o medo de que as mocinhas se desviassem do bom caminho, a educação moral e a vigilância sobre elas se faziam necessárias”. Nesse embate cultural e na defesa de valores, o sexo feminino se encontrava numa posição histórica de submissão e violência de gênero. Havia todo um envolvimento para que a mulher fosse silenciada e invisibilizada (SARAT; CAMPOS, 2017).

Na concepção formadora do INSA, a moça bem-educada, refinada e civilizada precisava demonstrar um comportamento pautado no autocontrole das pulsões que guiaria as suas ações na vida social. Isto é sinal de distinção que separava um grupo social de outro considerado inferior, compreendia-se que as pessoas de “berço” tinham educação e bons modos. Não era decoroso para a mulher se sentar do jeito que desejasse. Gargalhar era um ato de deselegância, se optasse por paquerar mais de um rapaz em um intervalo pequeno de tempo, estaria se expondo à sociedade e poderia ficar “mal falada”.

Essas questões podem ser lidas como condições decorosas e/ou indecorosas expressas pelo corpo, conceitos sobre os comportamentos que poderiam ser aceitos ou não pela sociedade. Na especificidade social de Salinas/MG, naquele período, tratava-se do próprio processo civilizador em curso. E o INSA era uma figuração para mudanças concretas no comportamento das estudantes e na propagação de ações conservadoras na sociedade para não obter atitudes “incivilizadas”. Por outro lado, ainda estavam em circulação regras não questionáveis, como organizações em filas e vestuário impecável do uniforme.

As freiras proibiam a gente de usar pintura no rosto, elas não aceitavam, tinha umas ainda [estudantes], aquelas mais danadinhas (sorri), colocavam uma maquiagem mais discreta. Elas [as freiras] eram muito exigentes mesmo, sabe? A saia tinha que estar no tamanho certinho, se a saia fosse um pouquinho acima do joelho, não era aceito. Tinha que ser abaixo do joelho, meias três quartos... Nós tínhamos três uniformes, um de educação física, outro de uso diário e o uniforme de gala. O de gala era o uniforme que usávamos em eventos especiais, como os desfiles de Sete de Setembro, festas... Este era com meias curtas e sapato preto social. Agora, o uniforme diário era com meias três quartos, a blusinha branca, a saia plissada de cor azul marinho. Mas não podia usar adornos no cabelo, nada. Era tudo sempre com muita simplicidade, sabe? (MARIA, 2021).

Havia instruções de comportamentos e moralidade esperados na educação das estudantes. “Ficava mal à reputação de uma jovem, por exemplo, usar roupas muito ousadas, sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vista em lugares escuros ou em situação que sugerisse intimidades com um homem” (BASSANEZI, 2002, p. 612). Ao evocar suas lembranças, Maria (2021) apresentou notas de um processo civilizador um tanto quanto conservador e regulador. Era exigido das meninas um ajustamento dos seus comportamentos, as roupas deveriam ser bem-comportadas, jamais poderiam exibir um centímetro sequer das pernas acima dos joelhos. As freiras faziam revistas rigorosas da vestimenta das estudantes para garantirem seus gradientes de poder e o controle repressivo de atitudes consideradas desviantes ou promíscuas. A ideia era a regulação dos comportamentos, controle e autocontrole sobre si e seus atos nas figurações sociais. Num dado momento da entrevista com Eva (2021), ela relatou fatos que exprimem esses aspectos:

Na minha turma tinham muitas meninas das “pernonas” que subiam o cós da saia e colocavam a saia muito acima dos joelhos. Isso era só até chegar perto do colégio. Uma vez, uma delas entrou e se esqueceu de abaixar a saia, quando a irmã viu... Ela [a irmã] chegou e pegou na bainha da saia e rasgou a bainha da saia todinha. Quando ela rasgou a bainha da saia, ao colocar força pra isso, a saia desceu e até um pouco abaixo dos joelhos, porque estava enrolada (risos).

O modo “educativo” das freiras em operar sobre as transgressões, desrespeito às regras e proibições praticadas foi um ato exacerbado na regulação dos costumes. Além do mais, as ações estavam diretamente ligadas à questão da repressão. As meninas eram censuradas de tal modo que a desobediência às regras sociais determinava quem não se enquadraria no ideal de boa moça, esposa e mãe. Não foi por acaso que no currículo da escola havia as disciplinas de Trabalho manual, Economia doméstica e Puericultura (INSA, 1951a). Era justamente este o espaço social das mulheres, o espaço do trabalho doméstico sob o pano de fundo de controles sociais que articulavam papéis e atitudes femininas propriamente históricas, padronizadoras hegemonicamente de modos e costumes desequilibrados na “balança” de poder movida pelas relações entre diferentes gêneros, em especial entre meninos e meninas.

As figuras 1 e 2 apresentam as características comportamentais ligadas ao vestuário relatado pelas entrevistadas.

Figura 1 – Desfile de 7 de setembro de 1960



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Elza Sarmiento (1960)

Figura 2 – Procissão e coroação em festejo ao dia de Nossa Senhora Aparecida em 1960.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Elza Sarmiento (1960)

Havia um certo rigor na organização das estudantes em figurações de desfiles. As meninas estavam posicionadas em filas, com o corpo ereto de modo a demonstrar atenção e concentração nas tarefas as quais deviam desenvolver no contexto de uma apresentação pública. Na figura 1, o uso da saia do uniforme estava na altura dos joelhos – como relatado nas entrevistas – e as blusas eram de mangas compridas, de forma que não houvesse exposição da maior parte do corpo. Na figura 2, além dessas características, as roupas eram de cor branca, de modo a refletir pureza, e as flores nos cabelos expressavam a docilidade, fragilidade, feminilidade e delicadeza. Ainda, a vestimenta da figura 2 também expressava devoção e fé católica, pois estavam praticando um ritual religioso.

Os modos de comportamentos têm origens sociais diferentes. No caso do INSA, em específico, situavam-se em decorrência do destino social em que a mulher estaria inserida com posturas recatadas, dóceis e com enquadre impecavelmente aos protótipos da boa moral. Nesse sentido, Cardozo e Honorato (2020, p. 149) defendem que:

A educação do corpo é conduzida através de mudanças na estrutura da personalidade e da conduta dos indivíduos. Os instintos, as emoções e as compulsões também variam de acordo com a estrutura da sociedade na qual o indivíduo está inserido e faz parte. Desse modo, o indivíduo educado transforma seus comportamentos e sentimentos a fim de se inserir socialmente e responder a novas demandas de conduta e de personalidade.

Elias (1994) considera que o processo civilizador individual se dá por marcas de um determinado grupo social, assim, para a existência social do ser, a civilização é essencial. Através dos adultos e dos “[...] milhares de outros instrumentos, é sempre a sociedade como um todo, todo o conjunto de seres humanos, que exerce pressão sobre a nova geração, levando-a mais perfeitamente, ou menos, para seus fins” (ELIAS, 1994, p. 145).

As memórias evocadas pelas ex-estudantes do INSA revelam relações que permitiram reconhecer o excesso de regulações, ordens e autoridades praticadas pelas freiras. Contudo, as ex-estudantes lidam com essas questões numa percepção de naturalização, como um habitus. Além do mais, elas ainda acreditam que as normas deveriam prevalecer atualmente. Creem elas que se os alunos hoje são indisciplinados, demonstram-se pouco interessados, é porque houve um afrouxamento nas regras comportamentais e formativas.

Logo, o processo civilizador na formação das meninas pelo INSA conota que a escola trouxe fortemente marcas da igreja católica. Assim, a civilização no colégio ocorria de modo a suavizar seus modos, estabelecer urbanidade e polidez nas ações, uma educação privada que demandou anulação de conflitos e hábitos específicos ao público feminino. Eram esperados das meninas sofisticação, sutileza, sensibilidade, dissimulação e recato. Cabiam-lhes o cuidado com as rotinas familiares e da casa e o zelo ao espaço doméstico (DIAS, 1984). Dessa forma, suas representações de poder estavam figuradas ao ambiente doméstico, por outro lado, tinham como potência civilizadora se dedicar a profissões que se encontravam num leque de cuidar e educar da criança como se fosse condição maternal, no caso do INSA, a formação normalista voltada à docência das primeiras letras.

Considerações finais

Em nosso estudo, trabalhamos memórias individuais e coletivas ligadas a uma instituição de ensino, o Instituto “Nossa Senhora Aparecida” (INSA) – de caráter confessional, pertencente à igreja católica, particular, e com ensino exclusivo naquele momento para meninas na cidade de Salinas/MG. São memórias de uma formação ginásial e normalista que foram relegadas pela pesquisa científica, de modo que foram historicamente invisibilizadas.

O estudo se deu no campo da memória, com análise documental à luz da história oral. Buscamos compreender o processo formativo e de civilização das ex-alunas a partir das teorias eliasianas. As memórias revelaram que a formação exercida pelo INSA naquele contexto fez parte de um modelo de organização social e civilizatória. Afinal, conforme Norbert Elias (1993, 1994, 2001, 2012), vivemos em grupos, em sociedades que carregam preceitos morais, valores, costumes e hábitos, os quais precisam ser repassados às novas gerações para melhor estrutura orgânica social. Nessa linha, compreendemos que a escola é uma das figurações que opera no processo de civilização, nas relações de interdependência e na formação da personalidade.

O papel do INSA foi civilizar as meninas promovendo mecanismos de controle e autocontrole dos seus hábitos. Elas teriam que demonstrar em seus comportamentos habilidades na sutileza, delicadeza, obediência e disciplina. Entendia-se que a função da mulher era evitar conflitos, assim, não lhes era permitido se expor, questionar, expressar-se pelo corpo. Percebemos que nesse processo formativo houve relação de força, controle e poder para manutenção de uma ordem social perspectivada pela igreja católica e pelos grupos hegemônicos locais. As análises das fontes nos revelaram que, na questão de gênero, a mulher em escolarização entre 1950 e 1970 era tratada como o sexo frágil, e deveria estar sempre submissa à virilidade masculina – entendimento que está em questionamento nos dias atuais.

Concluimos que no INSA o processo civilizador das meninas se deu numa perspectiva formativa na regulação dos comportamentos, controle e autocontrole dos sentimentos e emoções de ser mulher em contextos de desigualdades de gênero e de orientação católica emitida pelas freiras Clarissas Franciscanas. A figuração escolar era envolvida por regras rígidas que deveriam ser cumpridas, por imagens religiosas e por uma capela no interior da escola. As alunas sentiam que estavam num ambiente santificado e de devoção e, dessa maneira, o mínimo que elas deveriam fazer seria agir com respeito e obediência. As meninas viviam cotidianamente sob um olhar acusador das condutas tidas como um agravo à boa educação feminina e aos preceitos religiosos. Até em sua privacidade, a estudante precisava demonstrar recato, sutileza e discrição. As memórias apontaram uma educação marcadamente religiosa, de rigor, formação de hábitos e condutas morais rigorosas.

AGRADECIMENTOS: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS –UESB), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – (IFNMG) - *campus* Salinas e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

REFERÊNCIAS

- BACKHEUSER, E. **Manual de pedagogia moderna: Teoria e Prática**. Porto Alegre: Editora Globo, 1958.
- BASSANEZI, C. Mulheres nos anos dourados. *In*: PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.
- CARDOZO, M. M.; HONORATO, T. História da educação do corpo: Uma leitura com Norbert Elias. *In*: VIEIRA, A. F. B.; JUNIOR, M. A. F. (org.). **Norbert Elias em debate: Usos e possibilidades de pesquisas no Brasil**, Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020.
- COMENIUS, J. A. **Didática Magna: Comenius**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- DIAS, M. O. L. S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: Formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, N. A Civilização dos Pais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 469-493, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/d8cs7Bb6zx8n83kgYdP7kRH/?lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- FREITAS, M. C. Brasil 1954-1964: Sugestão de roteiro a partir da “História das Ideias Educacionais” (Anísio e Vieira Pinto). **Revista Brasileira de História**, v. 14, n. 27, p. 167-178, 1994. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3749. Acesso em: 17 jan. 2022.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HONORATO, T. Pesquisas com Norbert Elias em História da Educação. **Revista Comunicações**, Piracicaba, v. 24, n. 3, p. 107-127, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/3619>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- INSA. **Projectos – Regulamentos e Instruções do Instituto Nossa Senhora Aparecida**. Salinas: INSA, 1951a.
- INSA. **Extrato dos estatutos do Instituto Nossa Senhora Aparecida de Salinas**. Salinas: INSA, 1951b.
- INSA. **Tabela de anuidade**, 1959. Lolização: Arquivo da Superintendência Regional de Ensino de Araçuaí.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, n. 15, p. 13-49, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>. Acesso em: 14 jan. 2022.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

RODRIGUES, C. **Força na pequenez**: Madre Serafina ontem e hoje. Contagem: Composição e impressão, 1986.

RODRIGUES, C. **Missão no Brasil**: Das Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento. Belo Horizonte: TELECARD, 2003.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I. Memórias da infância e da educação: Abordagens eliasianas sobre as mulheres. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1257-1277, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/bMnh4dXN5CLQYsnhpLw3qqb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

Como referenciar este artigo

SANTOS, L. G. A.; HONORATO, T.; MARTA, F. E. F. Escola Confessional INSA, Salinas/MG: Memórias de um processo civilizador de meninas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 2898-2917, out./dez. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i4.16779>.

Submetido em: 18/03/2022

Revisões requeridas em: 21/08/2022

Aprovado em: 17/10/2022

Publicado em: 30/12/2022

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

